

ORGANIZAÇÃO DE MATERIAIS EDUCATIVOS PARA TIFLOLOGIA PATENTE EM CORRESPONDÊNCIA HISTÓRICA INTERNACIONAL: CONTRIBUTOS PARA CONSTRUÇÃO DA PEDAGOGIA NOS INSTITUTOS PARA ALUNOS CEGOS DA MODERNIDADE OCIDENTAL

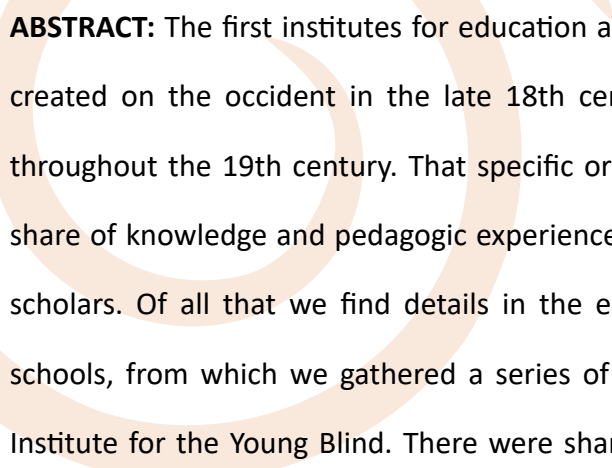
Maria Romeiras Amado

Doutorada em História da Educação pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

mramado@fcsh.unl.pt

RESUMO: Os primeiros institutos para educação e promoção da autonomia das pessoas cegas começaram a ser criados no mundo ocidental em finais do século XVIII e adquiriram uma extraordinária dinâmica ao longo do século XIX. Esse crescimento orgânico deveu-se a hábitos que se implementaram, nomeadamente o da partilha de conhecimentos e experiências pedagógicas, troca de materiais e intercâmbio de estudantes e professores. De tudo isso nos fala a epistolografia entre esses mesmos institutos e escolas, da qual provém um núcleo documental com origem ou destino em Paris, no Instituto dos Jovens Cegos, que disseminou experiências e teorias diversas sobre a escrita em relevo, o ensino dos jovens cegos e a importância da impressão de materiais de leitura e consulta em relevo. Também neste núcleo documental encontramos referências a traduções e transcrições, aquisições e empréstimos, conselhos e reflexões pedagógicas diversas. É, pois, nesta fusão criadora, que encontramos parte do início material e teórico do que hoje é a educação especializada para alunos cegos e amblíopes.

PALAVRAS-CHAVE: Escolas adaptadas, pedagogia adaptada, cegueira, correspondência, materialidade escolar.



ABSTRACT: The first institutes for education and promotion of autonomy for blind persons were created on the occident in the late 18th century. They were given an extraordinary dynamic throughout the 19th century. That specific organic spur was due to growing habits, namely the share of knowledge and pedagogic experiences, exchange of materiality and the habit of visiting scholars. Of all that we find details in the epistolography between those same institutes and schools, from which we gathered a series of documents with origin or destiny in Paris, at the Institute for the Young Blind. There were shared experiences and theories about the embossed writing, the teaching of the young blind and the importance of the embossed reading and writing materials. There were also several references to translations and transcriptions, acquisitions and loans, advices and pedagogical thoughts. It is, therefore, in this creative gesture, that we find the material and theoretical beginning of the actual specialized education for students both blind and low-visioned.

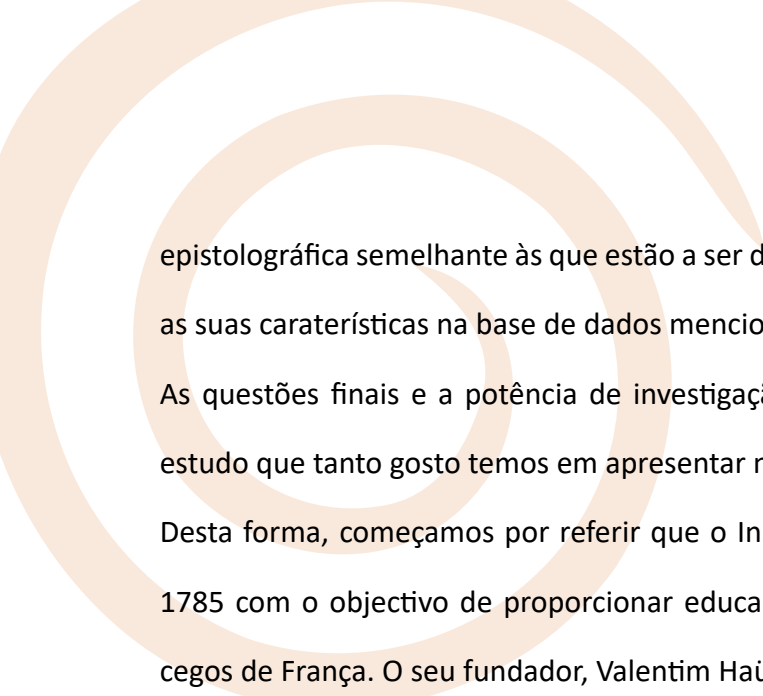
KEYWORDS: Adapted schools, adapted pedagogy, blindness, correspondence, scholar materiality.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, vamos dedicar a nossa atenção a um importante instituto que inaugurou a educação para alunos cegos no mundo, e a partir do seu dinamismo, analisar a criatividade e partilha que lançou pelo mundo ocidental através da correspondência que estabeleceu com outros institutos congéneres que foram sendo fundados.

Faremos uma pequena descrição do papel e relação desses institutos. Seguidamente, descreveremos as fontes a que é dedicado este trabalho, que faz parte de um projecto de investigação que pressupõe a constituição de uma base de dados de correspondência pedagógica que será georeferenciada para potenciar o estudo das relações supranacionais do início da pedagogia adaptada.

Finalmente, a transcrição de uma carta-exemplo da série analisada proporcionará uma análise



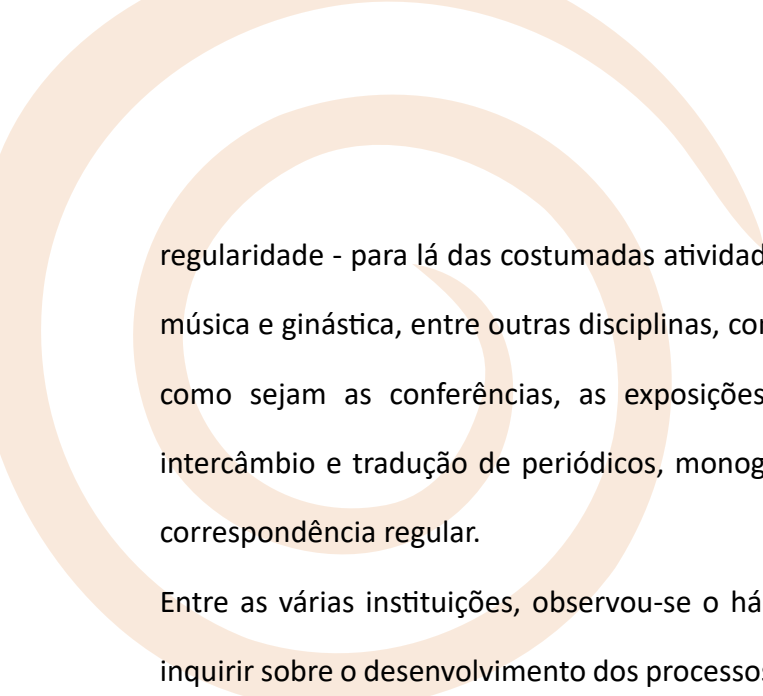
epistolográfica semelhante às que estão a ser desenvolvidas na globalidade e registadas com todas as suas características na base de dados mencionada.

As questões finais e a potência de investigação deste núcleo documental encerram este nosso estudo que tanto gosto temos em apresentar na inauguração desta revista.

Desta forma, começamos por referir que o Instituto para Jovens Cegos de Paris foi fundado em 1785 com o objectivo de proporcionar educação e promover a autonomia dos jovens cidadãos cegos de França. O seu fundador, Valentim Haüy (1745-1822) dedicou-se a esta causa e teorizou-a em detalhe na sua obra *Essai sur l'Éducation des Aveugles*, de 1786. A escrita e os processos de impressão em relevo têm capítulos bem detalhados nesta obra. Foi nesta instituição, de acordo com os estudos de Pierre Henri (1984) e Zina Weygand (2003), que o jovem Louis Braille (1809-1852) desenvolveu e aperfeiçoou o sistema de escrita relevada que lhe tinha sido presente na sua forma rudimentar por Charles Barbier de la Serre (1767-1841). Uma vez adaptado às reais necessidades dos alunos cegos, este renovado sistema de escrita ímpar, que adoptou o nome do seu jovem autor, assumiria rapidamente a globalização nas escolas para cegos que entretanto se foram implementando pelo mundo ocidental moderno. Persistiam, é certo, alguns alfabetos relevados outros, na sua maioria anglo-saxónicos - como o Gall, o Moon e o New York Point - mas o domínio do Braille no ocidente e mesmo no oriente - com as necessárias adaptações a outros sistemas de escrita base - seria notório e ainda é o sistema primordial de literacia relevada nos dias de hoje.

Seguindo o exemplo da escola de Paris, muitas outras se foram estabelecendo, à imagem e semelhança da original, quanto ao modelo arquitetónico, da autoria do arquiteto Philippon (Amado, 2013) e quanto ao modelo pedagógico de Valentin Haüy (Weygand, 2003). Destas escolas que foram sendo fundadas desde o final do século XVIII e durante o longo século XIX existem diversas monografias e estudos (Amado, 2013). Há ainda diversa e rica documentação que ilustra como se foi desenvolvendo o processo orgânico da sua evolução (Amado, 2013).

Várias eram as actividades que as primeiras escolas para alunos cegos desenvolviam com



regularidade - para lá das costumadas atividades lectivas de leitura, escrita, aritmética, geografia, música e ginástica, entre outras disciplinas, consoante o país (Istituto dei Ciechi di Milano, 2003) - como sejam as conferências, as exposições, o intercâmbio de alunos e de professores, o intercâmbio e tradução de periódicos, monografias e partituras e, sobretudo, a manutenção de correspondência regular.

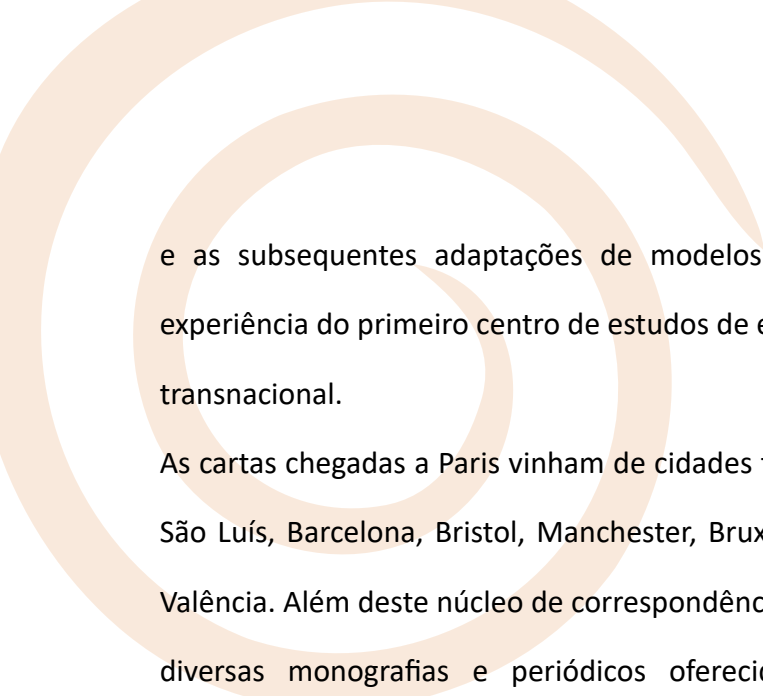
Entre as várias instituições, observou-se o hábito de manter esta correspondência regular para inquirir sobre o desenvolvimento dos processos pedagógicos, para acordar projectos comuns, para combinar o intercâmbio de estudantes e professores e muitas outras já mencionadas actividades. Deste fluxo de ideias e acções foi crescendo e foi-se desenvolvendo a pedagogia adaptada à situação particular dos alunos cegos e de baixa visão que eram ensinados nestes institutos. A formação dos professores e a produção de materiais especializados, bem como a impressão de literatura tridimensional eram também temas frequentemente abordados nas cartas.

Assim se constitui a nossa questão de base: qual a real importância da epistolografia especializada para a dinâmica da relação e desenvolvimento destas escolas?

CORRESPONDÊNCIA PEDAGÓGICA: AS FONTES

É da questão supra que vamos tratar neste texto, focando-nos, a título de exemplo, num núcleo de correspondência pedagógica constituído por 171 manuscritos de correspondência de e para o Instituto dos Jovens Cegos de Paris, depositado no arquivo do Instituto Valentin Haüy, na mesma cidade. Na sua maior parte, as cartas partiam e chegavam de Paris (47%), Londres (29%), Madrid (21%) e Rio de Janeiro (10%), sendo 15% não identificadas e 49% de 26 outras origens diversas.

Correios e transportes de pessoas e cargas tinham tornado o mundo mais acessível e a comunicação de ideias era, desse modo, mais rápida e eficiente que nunca (Darrigrand, 1997). Assim, como destaca Jürgen Schriewer (2003) na sua visão em história comparada, a ligação entre o ativismo regional e o alargar de movimentos universais gerou uma dinâmica necessária ao desenvolvimento de novas ideias. A grande troca de correspondência entre Paris e outras cidades

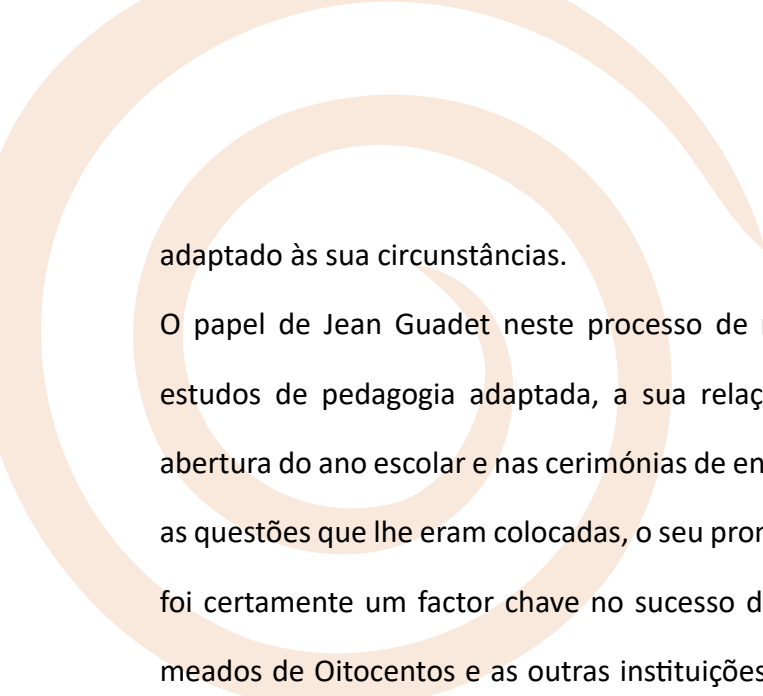


e as subsequentes adaptações de modelos pedagógicos dinamizaram conseqüentemente a experiência do primeiro centro de estudos de ensino especializado para cegos para uma realidade transnacional.

As cartas chegadas a Paris vinham de cidades tão diversas como Madrid, Londres, Rio de Janeiro, São Luís, Barcelona, Bristol, Manchester, Bruxelas, Glasgow, Montreal, Nova Iorque, Filadélfia e Valência. Além deste núcleo de correspondência internacional havia no mesmo arquivo registo de diversas monografias e periódicos oferecidos e trocados regularmente com instituições internacionais, designadamente com Portugal, Reino Unido, Itália, Espanha e Estados Unidos.

A maior parte deste gesto de intercâmbio e crescimento deste núcleo particular que agora analisamos deveu-se à imensa dinâmica pedagógica de Jean Guadet, pedagogo, historiador e diretor do Instituto dos Jovens Cegos de Paris de 1840 a 1871. O núcleo documental epistolográfico que estudámos foi produzido durante a sua orientação e a par da sua produção teórica, donde parte a sua imensa riqueza teórica e as suas múltiplas aplicações práticas em instituições de vários países do ocidente moderno.

Desde o início da sua atividade no Instituto dos Jovens Cegos que Guadet acreditou na necessidade de especialização pedagógica e na importância da literacia para os seus alunos. Uma vez definida a necessidade de comunicação e cognição dos alunos internos, de acordo com os regulamentos da escola, criava-se uma expectativa da sua identidade como cidadãos autónomos. Aqui entrava a motivação pelo desejo como grande esforço psicológico, consoante é comentado por Foucault (2004) e Hacking (1998), que constituiu o grande mote para o seu envolvimento e entrega patentes nos bons resultados escolares que são passíveis de verificação nos relatórios e entregas de prémios arquivados nos referidos arquivos históricos de Paris (Institut National des Jeunes Aveugles e Association Valentin Haüy). Esta dedicação escolar é igualmente passível de ser verificada através do núcleo de correspondência de que tratamos neste texto, dado o empenho de vários alunos em efectuar traduções e transcrições, e mesmo no próprio conteúdo das cartas, em que se encontram alunos ou antigos alunos como correspondentes, solicitando orientações ou material escolar



adaptado às suas circunstâncias.

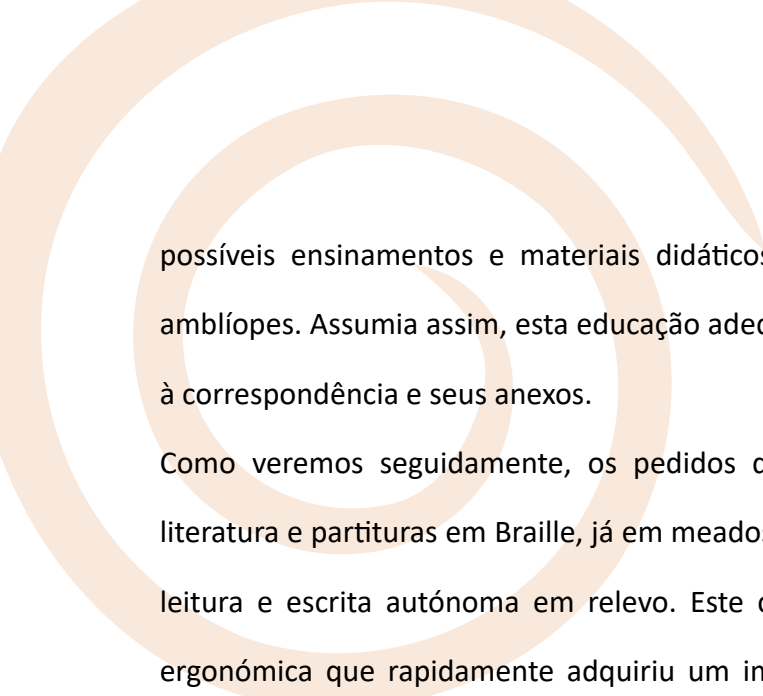
O papel de Jean Guadet neste processo de motivação foi gigantesco. O seu investimento em estudos de pedagogia adaptada, a sua relação próxima com os alunos, os seus discursos na abertura do ano escolar e nas cerimónias de entrega de prémios, as suas cartas de resposta a todas as questões que lhe eram colocadas, o seu pronto auxílio na demanda de materiais e metodologias foi certamente um factor chave no sucesso da dinâmica entre o Instituto dos Jovens Cegos em meados de Oitocentos e as outras instituições e pessoas que se lhe dirigiam. Quando falava dos alunos, Guadet glorificava os seus esforços, omitia algumas ocorrências disciplinares consideradas menores, encaminhava-os orgulhosamente na direção de uma sociedade que os devia receber de braços abertos para além dos portões da Instituição no Boulevard des Invalides.

Começamos por analisar o nosso núcleo documental de exemplo. A correspondência disponível começa em 1833 e termina em 1899, mas para este propósito de análise restringimos os dados relativos à primeira metade do século XIX, correspondentes a 171 documentos da série documental do Arquivo Histórico da Associação Valentin Haüy.

Numa primeira leitura, encontramos a preocupação dos diversos redatores em fazer circular documentação adequada à educação em formato legível pelos alunos e professores cegos das diversas instituições envolvidas, o que implicava um grande investimento de tempo, recursos financeiros e investigação pedagógica.

Podemos perceber essas preocupações ao analisar a percentage de temas abordados no núcleo documental: as prioridades discursivas eram da ordem de 46% sobre o tema da materialidade educativa (livros, partituras, pautas e punções, catecismos, entre outros elementos educativos), segue-se em prioridade os temas dedicados às grandes questões de pedagogia adaptada, a que são dedicados 33% dos documentos. As percentagens finais são atribuídas aos atores educativos, sendo 16% respeitantes aos professores e apenas 5% aos alunos dos diversos institutos.

A prioridade era, assim, a materialidade e a sua aplicação pedagógica. Preparavam-se os institutos para aplicar as metodologias usadas no Instituto dos Jovens Cegos de Paris e dele retiravam os

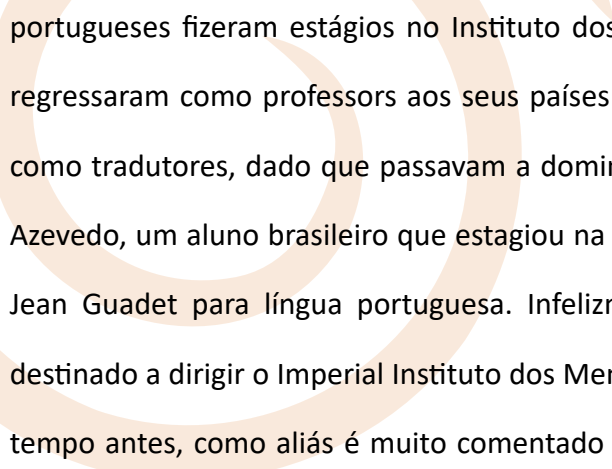


possíveis ensinamentos e materiais didáticos necessários ao uso dos jovens alunos cegos e amblíopes. Assumia assim, esta educação adequada e adaptada, um caráter transnacional, graças à correspondência e seus anexos.

Como veremos seguidamente, os pedidos de publicações destas cartas eram sobretudo de literatura e partituras em Braille, já em meados do século XIX o maior sistema predominante para leitura e escrita autónoma em relevo. Este código de seis pontos era uma solução natural e ergonómica que rapidamente adquiriu um imenso sucesso junto dos professores das diversas instituições para ensino de cegos. Ora, o Instituto de Paris tinha sido o fundador do Sistema e tinha impressão de obras diversas e partituras várias que podia enviar para o estrangeiro. Daí os pedidos serem sistemáticos. Também havia encomendas de materiais como pautas, punções ou máquinas de escrever, como suporte a este sistema de escrita, que permitia o desenvolvimento pedagógico destas escolas direcionadas para um público com necessidades específicas no campo sensorial.

Após a materialidade encontramos, assim, a pedagogia como prioridade de assunto neste nosso núcleo de análise. É natural que sendo o Instituto dos Jovens Cegos a primeira escola para alunos cegos no mundo tivesse conhecimentos e experiência em testar técnicas e tecnologias adequadas para ensino dos alunos usando principalmente os sentidos da audição e do tato. O mundo da materialidade pedagógica tridimensional e as regras para o seu adequado uso e divulgação eram da maior importância e bastantes questões eram colocadas sobre esta realidade pedagógica inovadora nas cartas a que reportamos, gerando um novo mundo de capacidades e potência educacional.

Se os restantes 21% dos temas de comunicação epistolográfica se referiam a recursos humanos, 16% aos docentes e 5% aos alunos, deve ser explícito que este tema abordava sobretudo questões de circulação de pessoas entre instituições para devida formação e reintegração na instituição de origem. Assim, a troca ou contratação de professores, a avaliação de professores cegos, a avaliação de professores de música, questões disciplinares, comunicação e avaliação de alunos cegos, eram as questões mais abordadas. Muitos professores de institutos espanhóis, canadianos, italianos e



portugueses fizeram estágios no Instituto dos Jovens Cegos de Paris. Muitos foram lá alunos e regressaram como professores aos seus países e institutos de origem, Muitos deles eram usados como tradutores, dado que passavam a dominar a língua francesa, como é o caso de Alvares de Azevedo, um aluno brasileiro que estagiou na escola de Paris e traduziu uma obra pedagógica de Jean Guadet para língua portuguesa. Infelizmente este brilhante académico cego que estava destinado a dirigir o Imperial Instituto dos Meninos Cegos quando da sua fundação faleceu pouco tempo antes, como aliás é muito comentado nas cartas entre o Instituto de Paris e o do Rio de Janeiro.

Noutra perspetiva, e analisando apenas as prioridades institucionais do discurso epistolográfico destas 171 cartas, podemos reconhecer quatro secções de interesses teóricos: orientação pedagógica dos institutos (82%), futuro autónomo dos alunos (10%), sobrevivência financeira das escolas (5%) e permeabilidade social dos alunos (3%).

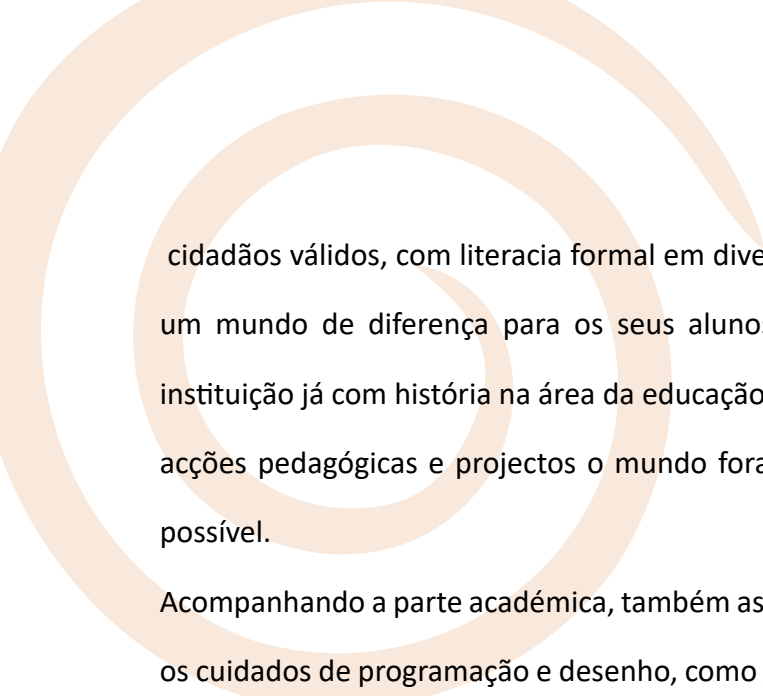
PARTILHA DE TEORIAS PEDAGÓGICAS

Guadet inspirava-se para a sua ação em casos particulares de evolução pedagógica e pessoal como seja o exemplo de persistência e inventividade de Maria Teresia von Paradis:

Une jeune fille allemande qui, bien qu'aveugle dès l'âge de deux ans, n'en avait pas moins reçu d'instruction, était meme devenue excellente musicienne ; (...) ce n'était donc pas une illusion les Aveugles pouvaient recevoir une education libérale ; ils pouvaient être, pour ainsi dire, rendus à la société. (Guadet, 1846, 12).²⁰

Com o objectivo de perseguir este ideal de construção de uma identidade socialmente reconhecida, eram teorizadas e formalizadas assim diversas oportunidades aos seus alunos, baseadas nestes exemplos de criatividade, usando os benefícios institucionais para prever factores de mobilidade, recursos de trabalho organizados, ricos e socialmente bem aceites. A produção de

²⁰ “Uma jovem alemã que, mesmo que cega desde a idade de dois anos, não recebeu menos instrução, tornou-se mesmo uma excelente música; (...) não é portanto uma ilusão que os Cegos possam receber uma educação liberal; eles podem ser, assim dizendo, entregues à sociedade” (Guadet, 1846, 12) (tradução da autora)



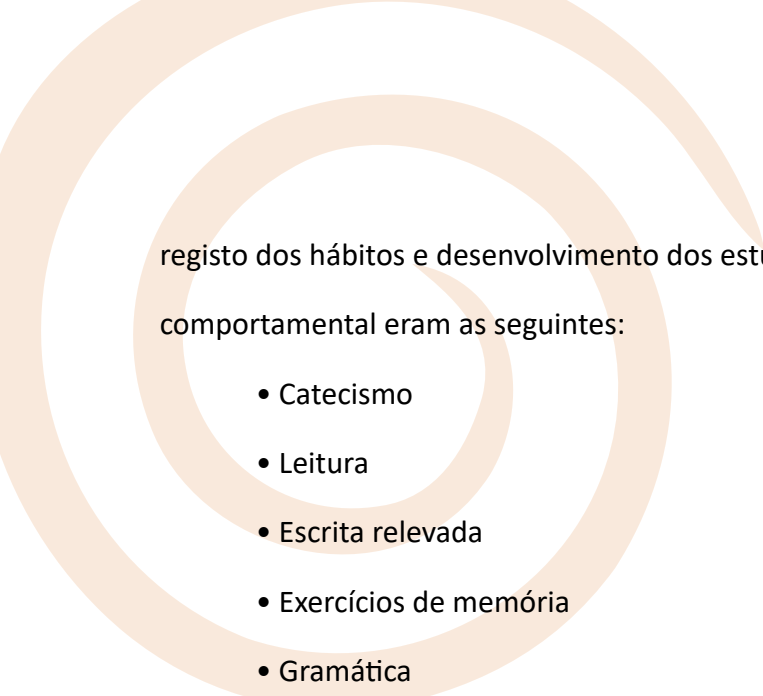
cidadãos válidos, com literacia formal em diversas disciplinas e civilidade comprovada tornava-se um mundo de diferença para os seus alunos cegos de meados do século XIX, mesmo numa instituição já com história na área da educação adaptada. Procurava Guadet espelhar, com as suas acções pedagógicas e projectos o mundo fora da instituição, o mundo normo-visual, dentro do possível.

Acompanhando a parte académica, também as instalações do Instituto de Paris eram alvo de todos os cuidados de programação e desenho, como já mencionámos, criando um modelo de escola que foi adotada por outras escolas para alunos cegos de vários países. Após instalações provisórias em vários pontos da cidade de Paris, projectos de arquitectura tinham sido concebidos para a instalação do Instituto de Paris nas suas instalações definitivas, onde ainda hoje pode ser visitado. O projecto vencedor, do arquiteto Phillipon, previu espaço para o seu funcionamento e para as suas necessidades académicas, quotidianas, de interacção social e cuidados disciplinares, para os seus arquivos e registos das actividades que eram testadas e que incluíam o acolhimento de alunos e professores de outras instituições. Nos arquivos eram guardados os documentos e materiais trocados com as instituições que, seguidamente à de Paris, foram sendo criadas. A documentação de cada aluno era registada em detalhe, a sua observação, as suas notas e prémios, as suas acções e desenvolvimento escolar e social, desde o processo de admissão.

Boletins mensais eram produzidos para cada estudante, com duas secções. Na primeira, deviam ser registadas as questões relacionadas com o corpo e o espírito, ou seja, um registo pessoal e íntimo de cada estudante:

- Saúde
- Comportamento
- Disciplina
- Aptidões de ginástica

Na segunda secção, os estudantes eram cuidados pelos seus responsáveis morais e regentes. As duas secções eram intimamente ligadas. Este era certamente o maior mecanismo de control e



registo dos hábitos e desenvolvimento dos estudantes. As disciplinas que eram ligadas a esta área comportamental eram as seguintes:

- Catecismo
- Leitura
- Escrita relevada
- Exercícios de memória
- Gramática
- Ortografia
- Composição em Francês (já prevendo a inclusão académica de alunos estrangeiros)
- Literatura
- Geografia
- História
- Matemática
- História Natural

Para cada item, quatro secções para notas pelos professores ou médicos assistentes: a classe ou divisão do estudantes (taxonomia), o grau que tinha obtido (classificação dentro de um grupo), exames e competições, classificações diversas e obtenção de prémios.

As diferenças idiomáticas não interferiram nesta troca de experiências e de ideias que depois se revelaria na correspondência. Pelo contrário, havia sistemas estabelecidos para tradução de textos e cartas, mesmo de livros e revistas. A título de exemplo, numa carta do pedagogo Catalão Pedro Llorens y Llatchós, professor da Escuela Municipal de Ciegos de Barcelona, dirigida a Guadet, em 1862, encontramos a seguinte mensagem:

Querido amigo, oi escribo en español/ porque sè que lo compreendeis bien y por el mucho trabajo que me cuesta es/cribir en francês, pues leo este idioma perfectamente, lo comprendo bien, pero/ lo escribo com pena por la poca práctica (...)²¹

²¹ Llorens, P., 1862. *Letter from 24 July 1862, sent by Pedro Llorens to Jean Guadet (Barcelona » Paris)*. [manuscript]. Manuscript collection, 129. Paris: Institut Valentin Haüy. [PHAUYM129]

Outro exemplo, confiando nos processos de tradução, é uma carta do Reino Unido para Joseph Guadet²², trocando cumprimentos sobre recentes cartas com conselhos pedagógicos recebidos, e enviando em anexo fotografias de pedagogos britânicos. Esta carta é enviada em Inglês, está guardada no referido núcleo do Arquivo Valentin Haüy, e está arquivada junto de uma tradução para Francês feita por um dos estudantes do Instituto dos Jovens Cegos. Já de Português para Francês temos outro exemplo, dado que Pierre Sigaud, pai da fundadora do Asilo-escola António Feliciano de Castilho de Lisboa, escreve do Rio de Janeiro para Paris. Aqui encontramos a colaboração de um aluno brasileiro residente no Instituto dos Jovens Cegos de Paris que se propõe traduzir esta carta, bem como documentos de cariz pedagógico, entre os dois idiomas, por vezes com falhas técnicas e dificuldades de vocabulário:

Monsieur, J'ai l'honneur de vous envoyer cicontre la traduction de deux [pa]pages indique tant dans votre livre que dans celle de Mme Fournier. Toutes deux manquent dans la copie les Principes Elementaires de phisque [sic] que l'on m'a envoyé et dans la traduction desquels je n'ai omis que tout ce qui y est dit au sujet du Criolet, mot dont je n'ai pu trouver l'équivalent portugais (...)"²³

Da mesma forma, e seguindo uma carta de 24 de Junho de 1857, encontramos uma resposta com correção do Dr. Moura, residente em Paris, num manual de música para alunos cegos²⁴, datado de 22 de Julho de 1857. Aparenta esta carta a certeza da necessidade do seu trabalho de tradução, não só considerando os estudantes cegos de outras nacionalidades, mas especificamente alunos e professores brasileiros no Instituto dos Jovens Cegos. A união entre estes docentes e discentes de várias nacionalidades que constituíram uma ponte idiomática e pedagógica entre continentes, é

²² Johnson, E., 1863. *Letter from 6 February 1863, sent by Edmund Johnson to Jean Guadet (London » Paris) (translated to French from the original n. 039)*. [manuscript]. Manuscript collection, 036. Paris: Institut Valentin Haüy. [PHAUYM036]

²³ Moura, C.S., 1856. *Letter from 11 November 1856 (Paris » Paris)*. [manuscript]. Manuscript collection, 010. Paris: Institut Valentin Haüy. [PHAUYM010]

²⁴ Moura, C.S., 1857. *Letter from 24 June 1857 (Paris » Paris)*. [manuscript]. Manuscript collection, 144. Paris : Institut Valentin Haüy. [PHAUYM144] and Moura, C.S., 1857. *Letter from 25 July 1857 (Paris » Paris)*. [manuscript]. Manuscript collection, 073. Paris : Institut Valentin Haüy. [PHAUYM073]

revelada na citada carta em que se informa da morte precoce do aluno, tradutor e futuro professor Álvares de Azevedo, mencionado numa carta de Sigaud a Guadet, por ocasião da fundação do Instituto Brasileiro, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, actual Instituto Benjamin Constant.²⁵

Estes exemplos são bastante relevantes dado que pertencem a um tipo específico de tradução especializada: a de manuais para aprendizagem que se destinavam a circular entre escolas de todo o mundo ocidental e preparados para descrições não visuais, abordando diversas disciplinas e problemáticas e com inúmeros ensaios pedagógicos de grande riqueza.

No reverso do documento mencionado encontrámos notas escritas em Português sobre questões técnicas relativas à área da música e alguma terminologia especializada, o que nos leva a pensar na hipótese de consulta a tradutores profissionais quando a área fosse demasiado especializada. Esta circunstância também prova a vontade de qualidade e precisão na aprendizagem de diversas disciplinas, tal como eram ensinadas em escolas regulares, adaptando as metodologias e procurando descrições muito detalhadas da materialidade de apoio e dos objectos de conhecimento.

É preciso que se destaque a atenção dada no escritos de Guadet ao papel do professor e a sua ligação à condição particular dos seus alunos, colocando-os no centro de uma instrução adaptada de grande qualidade. Ora, a existência destes documentos com bastantes anotações no reverso, com traduções e segundas versões, implica que estes assuntos eram tratados de forma muito séria e considerados dentro de um diálogo profícuo interinstitucional e internacional.

Uma última questão é o grande foco deste núcleo de correspondência na materialidade especializada, como atrás destacámos, criando internacionalmente centros de impressão de livros e periódicos que eram depois divulgados e traduzidos, bem como materiais de trabalho individual dos alunos, como as pautas e punções, globos e mapas.

²⁵ Sigaud, P., 1854. *Letter from 15 May 1854, sent by Pedro Sigaud to Jean Guadet (Rio de Janeiro » Paris)*. [manuscript]. Manuscript collection, 001. Paris : Institut Valentin Haüy. [PHAUYM001]

CARTAS E SEUS CONTEÚDOS: A MATERIALIDADE

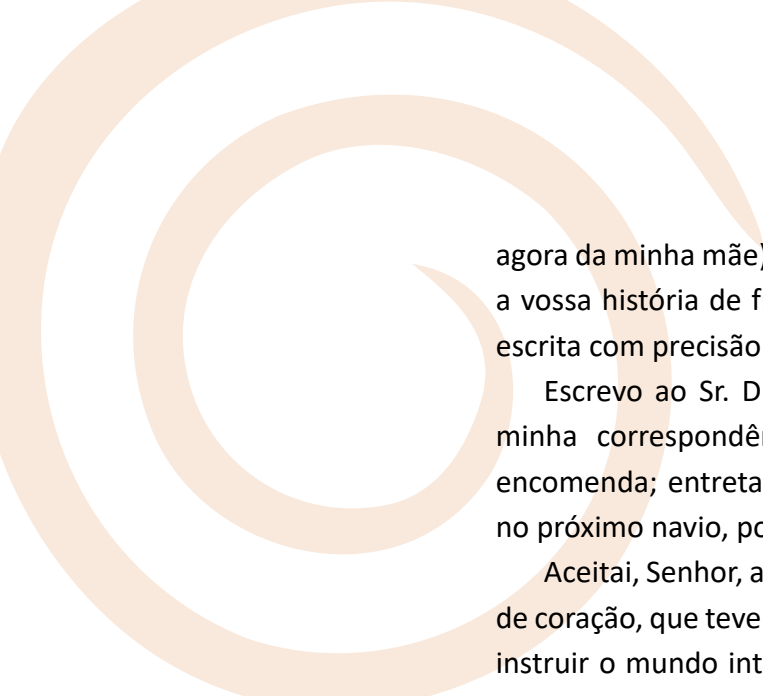
Como exemplo do que temos vindo a explicar, eis a transcrição de uma carta, da irmã da fundadora do Instituto António Feliciano de Castilho, Vitorina Sigaud Souto, que era cega, se chamava Adèle, nascida em 1840, e escreveu para o Instituto dos Jovens Cegos de Paris, com dezoito anos, do seu Rio de Janeiro natal:

Rio de Janeiro 8. de Novembro de 1858.

Senhor

Ao ler a vossa revista L'Instituteur des jeunes aveugles, que tem para mim um grande interesse; atrevo-me a dirigir-me a vós, que em cada página desta publicação empenha uma devoção constante à causa dos meus companheiros de infortúnio. Se não tenho a honra de vos conhecer pessoalmente, Senhor, tenho ao menos a crença que, por causa de meu pai, o meu nome não vos seja de todo estranho. O Senhor J. Alvares d'Azevedo que foi o meu professor de leitura e de escrita em pontos salientes na época em que tive a desgraça de perder a vista; ensinou-me a bendizer o vosso nome, e a vossa revista ensina-me a respeitá-lo pelos trabalhos incessantes aos quais vos dedicais com o fim de melhorar a triste condição dos cegos, que a sociedade hesita em aceitar como membros úteis.

É assim ao protector e ao pai dos cegos que dirijo o meu pedido, para lhe pedir que me envie **peças de música** abaixo indicadas; estando antecipadamente convencida que cuidaríeis de tudo para que a impressão fosse clara e cuidada. Esta última recomendação da minha parte deve-se ao receio de não ter muita prática de leitura de música em pontos salientes; tendo feito a minha educação musical no sistema dos videntes, (o qual se representa ainda na minha memória) tenho necessidade de um tipo bem definido, a fim de não me baralhar. É à minha perseverança e ao método do Sr. Coltat sobre os sinais da música em pontos, que devo conseguir orientar-me. Falta-me apenas a prática, e é para a adquirir que desejo ver chegar, o mais cedo possível, a música requerida, e tomar contacto com os compositores da vossa instituição. Solicito-vos ainda, Senhor, de me manter ao corrente dos **livros de educação** e de **literatura** impressos no vosso estabelecimento; tendo o projecto de constituir uma **biblioteca para meu uso**, da qual criei os fundamentos escrevendo sob ditado (noutros tempos, do meu pai e



agora da minha mãe) cerca de trinta volumes, entre os quais se encontra a vossa história de França, que consulto com regularidade, dado que é escrita com precisão e simplicidade, ao alcance de toda a inteligência.

Escrevo ao Sr. Duffau Pauliac, rua de hauteville nº 20 em Paris, a minha correspondência, pedindo-lhe de vos ir ver e tratar desta encomenda; entretanto, se nem tudo estiver disponível para a partida no próximo navio, poderemos fazê-lo em dois envios.

Aceitai, Senhor, a certeza da minha profunda admiração pelo homem de coração, que teve a sublime ideia de estabelecer uma revista, a fim de instruir o mundo inteiro sobre os progressos da instituição de Paris tal como de todas as outras instituições. Creia Senhor que a minha mãe e eu seríamos muito honradas com uma resposta vossa. É nessa esperança que me subcrevo, com respeito e consideração.

A Vossa muito humilde.

Adèle Sigaud

Música impressa ou copiada, em pontos salientes segundo o sistema de L. Braille

\1º-Método para aprender facilmente o ensino do canto chão por [S. B. Sallet] organista da Igreja S. Etienne

\2º-altos estudos de salão (em duas suites) para órgão melódico, dedicados ao Sr. Marmontet professor de música, por C. S. Roussel, chefe de orquestra e mestre de capela da institution des jeunes aveugles de Paris.

\3º- quatro peças de salão para órgão melódico dedicados a S. M. o Rei de Hanovre, compostos pelo mesmo autor.

\4º-Método de canto

\5º-[...] de piano

\6º-Um volume de estudos para piano

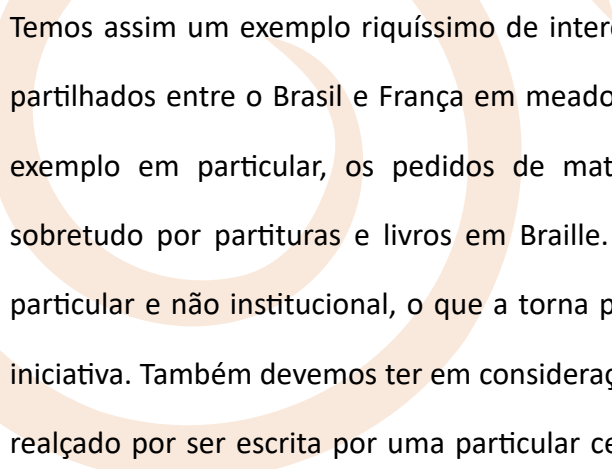
7º-algumas melodias-[...] por Gustave Amic

8º-coros religiosos e peças de canto de estilo simples para vozes de crianças, compostas pelos professores da instituição

\9º-Peças religiosas de harmónio para tocar durante uma missa baixa.

10º-Duas ou três peças de piano para principiantes.

11º-Uma máquina de moldura dupla para escrever em pontos salientes.



Temos assim um exemplo riquíssimo de intercâmbio de informação e de materiais pedagógicos partilhados entre o Brasil e França em meados do século XIX em cada uma destas cartas. Neste exemplo em particular, os pedidos de material encomendados do Brasil a França passam sobretudo por partituras e livros em Braille. Podemos observar que esta carta é de iniciativa particular e não institucional, o que a torna particularmente interessante e de grande poder de iniciativa. Também devemos ter em consideração a questão de género, sendo o poder desta carta realçado por ser escrita por uma particular cega e mulher, eivada de projetos próprios. Embora tenhamos conhecimento da sua origem privilegiada, Adèle Sigaud assume uma postura de autonomia e ímpeto intelectual imensos, sobretudo depois da morte do seu pai, fundador e primeiro director do Instituto Imperial dos Meninos Cegos.

Além dos pedidos de materiais e de partituras que são listados no final da carte, o pedido que nos parece mais destacado é o que solicita contributos diversos para o seu projeto de biblioteca privada em Braille. Nas suas palavras, esta biblioteca começou por trabalhos escritos por si e ditados pelos seus familiares e agora é reforçada com o desejo de ser enriquecida por diversos livros pedidos ao Instituto dos Jovens Cegos de Paris. É de realçar ainda que leu e apreciou a História de França escrita por Guadet, que relê de tempos a tempos. Isto significa que o idioma francês é do seu domínio, o que lhe permite alargar os horizontes e abranger mais obras na sua biblioteca braille particular. Dos livros que pede, há duas seções de interesse: por um lado obras de cariz pedagógico, por outro, literatura. O seu trabalho como professora interessou-a provavelmente pelo primeiro conjunto de obras, o seu interesse pessoal pela cultura e literatura pelo segundo pedido.

Adèle foi aluna de Alvares de Azevedo, tendo sofrido bastante com o seu falecimento. Com formação bastante cuidada, chegou a ser professora no Imperial Instituto dos Meninos Cegos. Não há notícia da sua morte, que deve ter sido no Brasil. Só a sua irmã vem para Portugal e, como se sabe, funda o Instituto António Feliciano de Castilho em 1888.

REFLEXÕES FINAIS

Assim resumo esta problemática da riqueza e importância da correspondência, encomendas e troca de personagens (alunos e professores) que é central neste projeto de recolha de correspondência pedagógica e respectiva georeferenciação que estou a desenvolver atualmente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com a colaboração do Laboratório de Humanidades Digitais, ou seja, a recolha em base de dados, transcrição, tradução, interpretação e georeferenciação deste conjunto de cerca de 171 documentos que constituem a série que consultei e digitalizei no Instituto Valentin Haüy de Paris quando do meu doutoramento e ficou a aguardar a boa oportunidade para ser processada e enriquecida.

Se o estudo e a investigação na área da deficiência visual é fundamental para a dignificação e destaque da condição humana, a disponibilização das suas fontes históricas e sociológicas poderá, esperamos, contribuir para a aproximação a um passado que nos constituiu e que nos inspira.

Esta documentação epistolar permite várias leituras no âmbito da história comparada e poderemos dela extrair um circuito de informação pedagógica especializada que fundou o que hoje chamamos de educação adaptada. Foi um meio dinâmico de circulação de ideias entre o Instituto dos Jovens Cegos de Paris e vários outros institutos pelo mundo em meados do século XIX. E igualmente de circulação e intercâmbio de várias personalidades ligadas à pedagogia dos alunos cegos que então se encontrava em franco desenvolvimento e que trocavam as suas impressões e cediam ou adquiriam materiais didáticos, monografias e periódicos institucionais pelo correio.

Devo destacar alguns esforços que me surgem ao longo da leitura desta correspondência tão especializada:

- o esforço de tradução de cartas e de obras
- o esforço de intercâmbio de obras impressas, livros e revistas
- a solicitação de partituras relevadas
- o intercâmbio de estudantes e professores entre os diversos institutos
- a discussão, entre responsáveis de institutos, de práticas pedagógicas

- as questões de género que podem ser estudadas pela autoria e destino das cartas

Assim, através destas cartas, podemos ter uma percepção interessante e realista, do enorme esforço que era praticado pelos pioneiros da educação de jovens cegos em todo o mundo.

Espero, com este trabalho de investigação terminado, constituir e abrir à consulta pública uma base de dados de correspondência pedagógica que ficará depositada no Laboratório de Humanidades Digitais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, geminada com uma base de dados congénere que está a ser constituída em Paris, também no Instituto Valentin Haüy, e publicar as conclusões e questões pertinentes levantadas ao longo deste trabalho de história comparada e georeferenciação, ligando as diferentes fontes e referências materiais e intangíveis.

Nunca é demais lembrar que a História da Deficiência não é apenas uma actual e poderosa arma de análise social, mas sobretudo mais uma forma de questionar fontes de arquivo tradicionais e alcançar com elas conclusões de relevo que suportem o combate ao capacitismo, valorizando a diversidade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

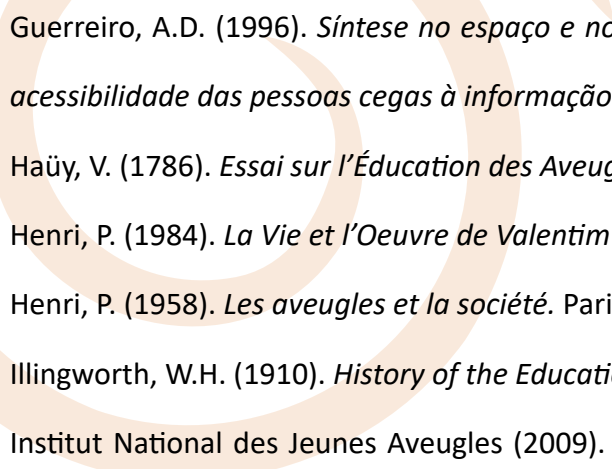
Amado, M. (2013). *Hide and Seek: Normality Issues and Global Discourses on Blind School Modern Projects (Late 18th – 19th Centuries)*. [tese de doutoramento]. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Association Valentin Haüy (1989). *L'Association Valentin Haüy 1889-1989. Cent ans au service des aveugles*. Paris: Association Valentin Haüy.

Fish, A.G. (1934). *Perkins Institution and its Deaf-Blind Pupils (1837-1933)*. Watertown: Perkins Institution and Massachusetts School for the Blind.

French, K. (2004). *Perkins School for the Blind*. Boston: Perkins School for the Blind

Guadet, Jean (1846). *Les Aveugles musiciens in Annales de l'éducation des sourds-muets et des aveugles*. Paris.

- 
- Guerreiro, A.D. (1996). *Síntese no espaço e no tempo de uma especificidade cultural em Portugal: acessibilidade das pessoas cegas à informação e à cultura*. Lisboa: IEFP-SNR.
- Haüy, V. (1786). *Essai sur l'Éducation des Aveugles*. FB Editions.
- Henri, P. (1984). *La Vie et l'Oeuvre de Valentin Haüy*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Henri, P. (1958). *Les aveugles et la société*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Illingworth, W.H. (1910). *History of the Education of the Blind*. London : General Books
- Institut National des Jeunes Aveugles (2009). *Louis Braille 1809-1852. Correspondance inédite à partir des lettres originales*. Paris : INJA
- Istituto dei Ciechi di Milano (2003). *Luce su Luce. L'impegno della solidarietà dalla carità alla scienza*. Milano : Istituto dei Ciechi di Milano.
- Schriewer, J. (2003). Globalisation in Education: process and discourse. *Policy Futures in Education*, Volume 1, Number 2, pp. 271-283. Oxford: Symposium Journals.
- Weygand, Z. (2003). *Vivre sans Voir. Les Aveugles Dans la Société Française, du Moyen Âge au Siècle de Louis Braille*. Paris: Creaphis.